

Crueldade

Claudio Castelo Filho, São Paulo

*Amor sem verdade não é mais do que paixão;
verdade sem amor não passa de crueldade.*

WILFRED BION

A escrita deste editorial coincide com os horrores da invasão russa na Ucrânia, televisionados e transmitidos por todas as mídias. Cidades devastadas, hospitais bombardeados, homens, mulheres, crianças e idosos alvejados enquanto tentam fugir da destruição, da tortura, do estupro. Em recente reportagem li que um dos dramas pouco divulgados e quase sem chance de receber algum “remédio” é o estupro de meninos e homens – algo corriqueiro durante invasões de exércitos inimigos –, além daquele que sofrem as meninas e as mulheres. À violação de meninos e homens costuma ser negada a existência. As vítimas também silenciam sobre a crueldade sofrida, pois quase invariavelmente se tornam estigmatizadas por “terem se deixado” abusar. Em um caso dramático, num confronto prévio, um pai foi forçado a ter relações com o próprio filho. O trauma entre eles foi tão grande que, após a violência sofrida, nenhum dos dois suportou mais se encontrar com o outro. Em nome da religião e da moral cristã, o patriarca da Igreja russa abençoa e vangloria a destruição de um país por considerá-lo tomado por costumes inaceitáveis. Cidades inteiras estão arruinadas, e seus habitantes cercados e forçados à inanição e ao desespero total. Como complemento, existe a ameaça de aniquilação da própria civilização ou mesmo da espécie humana pelo uso de armas nucleares. Para arrematar o horror, grupos de espectros políticos (aparentemente) opostos se afinam com justificativas espantosas para o exercício da barbárie.

Essa é uma situação nova? Certamente não. Um colega costumava dizer-me há cerca de uma década que, a cada 50 anos, os seres humanos tendem a produzir uma imensa guerra em que boa parte da humanidade é aniquilada.

Ele estava preocupado porque já fazia mais de 60 anos desde a última conflagração mundial. Isso tem se repetido desde os tempos homéricos, e a violência e a crueldade são intrínsecas à nossa natureza. Grandes ídolos da história universal foram sanguinários genocidas: Alexandre, o Grande; Júlio César; Gengis Khan; Átila; Isabel de Castela; Catarina de Médici; Luís 14; Potemkin; Catarina, a Grande; Napoleão 1º etc. O túmulo do imperador francês foi concebido de tal forma que mesmo após sua morte aqueles que vão vê-lo precisam curvar-se para enxergar seu sarcófago.

Em nome da religião e da nacionalidade todo tipo de violência e crueldade tende a ser racionalizado e justificado. A paranoia, dessa maneira, encontra justificativa externa.

Iniciamos este número com o belo artigo de Marcus V. Mazzari, professor de literatura comparada da Universidade de São Paulo, que focaliza o conflito ideológico, que termina de forma violenta, entre os personagens Naphta e Settembrini do romance *A montanha mágica*, de Thomas Mann. O ensaio aborda a eventual posição do romancista na constelação ideológica subjacente a essa irrefutável obra-prima.

Em seguida, apresentamos sete artigos muito estimulantes, que abordam diretamente a temática proposta. O destacado colega portenho Jorge Eduardo Catelli considera a ideia de crueldade a partir de teorizações freudianas sobre o aparelho psíquico, valendo-se também de um caso clínico. Os colegas brasileiros Ignácio A. Paim Filho et al. trazem a questão da atualidade, uma vez que a mentalidade atual propõe a recusa de limites inerentes à existência, o que vai na contramão do complexo de castração como pedra angular para a introdução do sujeito na cultura. Bruna Bortolozzi Maia e Manoel Antônio dos Santos, apoiando-se na obra de Janine Puget, entendem que a crueldade é produzida pela dificuldade em lidar com diferenças. Fabiana Villas Boas vale-se da composição “Eles”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, e da obra de Hannah Arendt para discutir a banalidade do mal sob a ótica dos textos sociológicos de Freud. Carolina Paixão de A. Pinheiro et al. partem do filme *Abril despedaçado*, de Walter Salles, para explorar os efeitos da transmissão geracional em situações de violência e crueldade. Vanuza Monteiro Campos Postigo aborda o universo digital, em que o mal e a crueldade se expressam de maneira feroz. E Antonio de Almeida Neves Neto retoma os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e o “Fetichismo”, de Freud, para pensar a adequação desses textos na clínica e na cultura atuais, propondo uma nova noção de fetichismo, culturalmente menos moralista.

Contamos também com valiosas contribuições não temáticas. Izelinda Garcia de Barros, com sua longa experiência de atendimentos de crianças, propõe uma reflexão sobre o conceito de objeto continente ótimo, que investiga modos arcaicos do funcionamento psíquico. Cleuza Mara Lourenço Perrini

Crueldade

aborda o feminino enquanto continente, prévio à existência do masculino, em um campo no qual a autora tem se aprofundado há algum tempo. Cecil José Rezze tece profundas reflexões sobre ética e atendimento online, e se indaga – a partir da experiência digital – se o que estaria surgindo seria algo que ainda caberia chamar de psicanálise. Esse texto conversa, de forma muito instigante, com o trabalho dos autores Bruno Cavaignac Campos Cardoso et al., sobre o enquadre virtual como dispositivo de atendimento online.

Na cerimônia do Oscar um ator agrediu verbalmente, de forma aviltante, outro (valendo-se da doença da esposa dele), e este retrucou com um violento tapa e ofensas verbais, em cadeia televisiva mundial. Esperamos que a leitura deste número seja uma oportunidade de reconhecer e pensar a questão da crueldade e nos permita vislumbrar saídas mais civilizadas e construtivas.



Editor

claudiocasteloeditor@rbp.org.br